

GRITO NO NORDESTE

O PROBLEMA AGRÁRIO NO BRASIL

Estamos chegando ao final de 1983. Certamente, se pararmos para avaliar a nossa caminhada veremos que foi mais um período de acertos e erros, de acontecimentos bons e ruins, de vitórias e derrotas.

A classe trabalhadora deu passos importantes. Escreveu, e muito mais que isso, viveu mais um tempo de sua história. História de lutas, de organização, buscando com muita força a união de trabalhadores do campo e da cidade.

Muitos companheiros deram suas vidas na luta. Para nós cristãos, isso tem um sentido muito profundo: o da morte e a ressurreição de Cristo Libertador. Ele que nasceu pobre e se colocou ao lado dos pobres "para que todos tenham vida e vida em abundância".

Para nós, também militantes da ACR, 1983 foi um ano muito importante. A nossa Assembléia Geral foi um momento forte de avaliação de toda a caminhada, que provocou mudanças profundas em cada um dos participantes e na vida do Movimento.

O próprio Grito no Nordeste, que está saindo mais uma vez atrasado, foi avaliado e várias sugestões foram feitas para que ele se



torne um instrumento mais eficaz nas mãos dos trabalhadores do campo e militantes da ACR.

Agora vamos entrar em 1984. Queremos entrar com o pé direito. Todos somos responsáveis pela vida da ACR. Vamos entrar com fé, com força e coragem, mesmo sabendo que não vai ser fácil. Esperamos melhorar a nossa

caminhada, é o que manifestaram os camponeses reunidos na Assembléia. Será que estamos mesmo dispostos a isso?

Que a luz do Evangelho nos ilumine, para que possamos ser fiéis seguidores da missão de Jesus Cristo, contribuindo para o crescimento e a organização dos trabalhadores brasileiros.



ALAGOAS:

Há muito tempo nós lutamos para se organizar melhor com nossos amigos trabalhadores. Essa luta não está sendo em vão. Digo isto porque já temos novas conquistas.

Por exemplo, no dia 25 de setembro de 1983, reunimos 160 trabalhadores rurais para a fundação do nosso Sindicato. A partir deste dia nossa luta ficou mais forte, pois temos direito de denunciar as injustiças que acontecem com nós trabalhadores.

No dia 19 de novembro, fizemos uma reunião com o povo da comunidade para denunciar contra a má distribuição d'água no nosso município. Fizemos a denúncia através do jornal e rádio, muito embora não agradasse alguns políticos que estavam oprimindo o povo pobre.

Participamos também, da campanha Nordeste Urgente que é a distribuição das feiras para as viúvas da seca. Nesta campanha tivemos a preocupação de esclarecer o povo de onde vem estas feiras, contrariando o que os políticos do PDS queriam fazer. Eles se apresentavam como que fossem eles que estavam dando as feiras. Aproveitando a oportunidade desta campanha, nós visitamos as frentes de trabalho do município, conhecidas também como maguinú. (S.T.R. de Crafas).

MARANHÃO

O nosso grupo de jovens esteve reunido, no dia 2 de outubro, onde refletimos juntos as situações da vida de cada um. A gente viu uma vida dura e por isso, estamos procurando nos organizar. Se a gente pára é pior e as dificuldades aumentam cada vez mais.

As coisas aqui no Maranhão estão cada vez mais caras, algumas crianças morrem de fome. Os pais sem ter emprego, imagine. O jeito é

Os Amigos Escrevem

morrer. A gente fica penalizado por ver essa situação.

Senti que esse encontro que participei aí em Recife, foi uma riqueza pra mim. Gostaria que sempre os amigos me escrevessem, pra mim ficar mais apoiado no meio dos companheiros. Sou cristão e tenho que me comprometer na vida aos irmãos. (Santa Rita).

PERNAMBUCO:

Na emergência do Sítio Barreira tem dois feitores que têm recursos e vivem oprimindo os pobres. Um deles tem quatro propriedades, um trator, um carro de passeio, além de possuir muito gado. O outro, do mesmo jeito, dois carros, muito gado, loja de confecção e boas propriedades. Tem professora com quatro salários, enquanto muitos pobres não têm o direito de se alistar.

O apontador é injusto que só. Os que são bem de vida, como Zé Pereira, Zé Rufino, Adauto Souza, Izalda, Bernadete e Memezio que para trabalhar nunca vem, ele aponta todo dia. Os pobres que chegam atrasados cinco minutos levam falta e não querem liberar nem um dia pra gente. Além disso querem tirar a gente da frente pra ir arrancar toco na roça dos feitores, ganhando o mesmo salário da emergência: 15 mil e trezentos. Tira o povo da frente de trabalho pra ir arrancar mandioca para eles. E o pior é que eles não trabalham, mas no dia do pagamento aparecem vestidos de roupas bem rasgadas, que parecem mendigos, para se colocar no meio dos outros e receber os 15 mil e trezentos.

Na frente tem banca de jogo, mesa de comida vendida pela hora da morte e não querem alistar pessoas das comunidades eclesiais de base. Juraram aos operários que se abrir a boca pra denunciar leva tiro nos dentes e assim continua. Zuza é o apontador. Zé Pereira, Zé Rufino, Memezio, Bernadete, Souza, Izalda e João Dico são os mandachuvas da emergência e queremos a demissão deles. (Arapipina).

R.G. DO NORTE

Tomamos conhecimento de um artigo do Grito no Nordeste, nº 74 de julho/agosto, que um agricultor escreveu acusando os pescadores de que nada fazem. No dia em que convocaram a reunião a diretoria da Colônia Z-1 de Caiçara estava num encontro de pescadores em Olinda. Os pescadores receberam o convite e participaram, juntamente com a equipe da CPP (Comissão Pastoral dos Pescadores).

Sem explicação do porque da reunião, assim mesmo foram pois estão acostumados a participar de reuniões. Na hora explicaram qual era a finalidade da reunião. Um pescador que pertence a diretoria da Colônia logo entendeu e abriu a reunião.

Com muito respeito falou sobre as injustiças que estavam acontecendo e foram vários que falaram. O capataz realmente não fez nada, depois os policiais pegaram o filho do capataz e o ameaçaram com bala.

Com isto tomaram providência, mas só de comunicar ao comando, mas o delegado ficou na cidade praticando as mesmas injustiças. O capataz é da Marinha, é órgão da Capitania dos Portos e a Colônia associação de pescadores, independente.

Os agricultores há muitos anos que estão na luta de libertação, os pescadores somente há dois anos. Nesse período formaram um grupo muito grande e bem consciente. Conseguiram tomar a Colônia em 1982, que estava nas mãos de pelegos há 15 anos. Conseguiram também botar pra fora o presidente recém eleito com quatro meses de gestão, porque era muito irresponsável. Hoje, com o presidente atual e a equipe da CPP continua um trabalho de conscientização com os pescadores, levando o evangelho aos seus lares. Através desse trabalho é que os pescadores estão se organizando. É um trabalho de fé e coragem dos que estão já conscientizados para conscientizar os outros companheiros.

Não sei porque este agricultor faz uma acusação desta contra os pescadores que estão lutando tanto pela libertação do povo? (Caiçara)

SERGIPE:

Enquanto vemos a luta do homem pela terra e o apoio dos líderes sindicais da Paraíba, de Pernambuco, alguns deles lhes custando a própria vida, aqui em Japarutuba está sendo diferente. Surgiu uma cooperativa para os agricultores e na verdade melhorou bastante nosso município. Mas este ano apareceu um presidente praticando algumas injustiças que não me conformo.

Vejam só: o decreto 2.065 do governo achatando o salário dos trabalhadores foi aprovado ontem pelo Congresso. Mas nesta cooperativa em referência o presidente já achatou os salários dos empregados desde maio próximo passado.

Outra coisa: no passado os agricultores daqui tinham suas roças comidas pelo gado dos fazendeiros. Este ano quem mais comeu roças por aqui foi o gado da cooperativa. Será um latifundiário secreto?

Outro dia seu Dooge reclamava que o gado comeu sua roça e o presidente do Sindicato apareceu para lhe dar apoio e entraram na luta. Depois de uma conversa entre os dois presidentes surgiu promessas boas para o seu Dooge parar a questão. As promessas não foram cumpridas e o seu Dooge perdeu e o interessante é que o presidente da Cooperativa é animador de comunidade. (Japarutuba)

EXPEDIENTE GRITO NO NORDESTE

Realizado pela Equipe
Central da A.C.R.

(Animação dos Cristãos
no Meio Rural)

COLABORADORES:

Gerson, Arnaldo, Marcílio,
Domingos, Lourdes,
Rufino, Juracy, Paulo,
Aparecida, Joãozinho e
Padre José Servat.
Endereço da A.C.R.:
Rua do Giriquiti, 48
CEP: 50.000 - Recife/PE
FONE: 231-3177

Hoje, o Brasil inteiro grita e luta pela Reforma Agrária. Os trabalhadores do campo e da cidade, as organizações sindicais, a Igreja e muitas outras entidades, estão firmes nesta luta.

A gente tomando a Bíblia, vê que a história do povo de Deus, é uma história de lutas pelo direito de uso da terra e dos bens que ela produz. Também a gente descobre que Deus esteve sempre ao lado dos que não têm terras.

Vamos pensar e conversar um pouco sobre a importância da terra para o povo bíblico, lendo e tentando entender um texto muito bonito da Bíblia que fala de **Abel**, o pastor de ovelhas e **Caim**, o lavrador. (Gênesis 4, 1-16).

A pessoa que escreveu este texto, estava preocupada essencialmente em mostrar a situação em que vivia o povo do seu tempo. Não havia indústria como hoje, é claro, e todas as atividades estavam voltadas para a terra. Havia os que tinham terra e os que não tinham. Os reis dominavam quase tudo. Os proprietários utilizavam as melhores terras para as plantações. Os que não possuíam terra,

A Bíblia e a luta pela terra

tinham que ser pastores de ovelhas; ficavam deslocando-se de um lugar para outro, a procura de pedaços de terra onde pudessem pastar suas ovelhas. Ser pastor era ser pobre, ser agricultor era ser rico, ser dono da terra, ter o poder.

COMO ENTENDER MELHOR ESTE TEXTO?

Leia com bastante atenção o capítulo 4, versículos de 1 a 7. Depois leia os versículos de 8 a 16. Você vai perceber que os versículos de 1 a 7, vão mostrar que existe uma tensão social muito forte entre as duas classes sociais do seu tempo: agricultores e pastores. Os pastores também tinham dificuldades em adquirir água para os seus rebanhos. Iam fazer poços aonde, sem ter a terra? Também só podiam pastar nos lugares mais próximos dos desertos.

É por isso que Deus está do seu lado. Não pelo jeito de pastor, e sim, por ser pobre. Deus agradou-se da oferta de Abel e não gostou de Caim nem de sua oferta.

Os versículos de 8 a 16 mostram que de fato existe o conflito, e que eles chegam ao ponto mais alto. Caim mata Abel. Isto quer dizer: o rico mata o pobre, ele se vê incomodado pelo pobre que em toda sua simplicidade e pobreza sabe agradecer e louvar a Deus, tem inveja do pobre e o mata.

Caim pensou que matando Abel ia ficar livre e sem nenhuma punição. Quebrou a cara, pois a gente percebe que Deus está do lado de Abel. Veja o que diz os versículos 9 e 10: "Disse o Senhor a Caim: onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: não sei. Acaso sou protetor do meu irmão? E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim".

POR QUE DEUS FICOU DO LADO DE ABEL?

A questão todinha se dá, pelo fato de Abel ser pastor e Caim ser lavrador. Os pastores foram aparecendo quando foram sendo expulsos do campo, Deus escolheu ficar do lado do sem terra, do fraco. Inclusive escolheu para ser seu povo, esse povo pobre. Abraão era pastor, Jacó também, é por isso que Deus prometeu uma terra boa para seu povo. O povo acreditou na palavra de Deus e lutou com coragem e conseguiu.

PARA DISCUTIR EM GRUPO:

1 — Para você, Caim e Abel existiram mesmo ou é uma maneira do escritor mostrar a situação da sociedade do seu tempo?

2 — Será que Caim matou Abel só porque Deus agradou-se mais do presente de Abel?

3 — Caim esperava ser julgado pela morte do pobre Abel?

4 — Você consegue fazer alguma ligação entre a situação em que vivia o povo da sociedade de Abel e Caim e a sociedade em que nós vivemos? Qual?

Missões do Frei Damião

Não teve comício, não teve festa, não teve enterro que fizesse tanta gente chegar, como nos quatro dias em que Frei Damião esteve em Craíbas, município de Alagoas.

Nos dias 24 a 28 de novembro, Craíbas recebeu as missões de Frei Damião. Centenas de pessoas ouviram seus sermões. A Prefeitura providenciou o palanque, armado em frente a Igreja, enfeitou e iluminou as ruas e colocou dois carros de propaganda. Como de costume, o Frei não parou um minuto. Celebrou missas, procissões, outras celebrações, confissões e à noite, pregou os seus já conhecidos sermões.

Fiéis da cidade, do campo e de diversas cidades da região foram atraídos pelas missões. Nunca se viu tanta gente em Craíbas. Nos seus sermões Frei Damião condenou os homens que praticam o mal sem pensar na

morte. Disse ele que essas pessoas estão no inferno. Citou exemplos de um jovem que morreu de tanto beber, o caso de um homem que morreu na casa de uma prostituta e afirmou que esses foram direto pro inferno.

Não podemos dizer que isso não é pecado. Mas por trás desses pecados, dos quais fala Frei Damião, será que não existem outros pecados maiores? Nós cristãos camponeses, descobrimos que o mal tem raízes mais profundas na nossa sociedade.

Como é que tantos homens sem terra, sem preparação criados de qualquer jeito, ganhando um salário de miséria, vendo seus filhos passar fome, sentindo-se só sem apoio de ninguém e até da própria Igreja, podem se sustentar num momento de desespero sem recorrer a bebida?

Quantos nordestinos sertanejos abandonaram suas famílias para sair em busca

de trabalho na região canavieira, e com o passar do tempo não têm mais condições de voltar para junto delas? Sem esperança, ele tenta formar outra família. Assim também, muitas esposas que ficam carregadas de filhos e sem proteção, se entregam a outro homem que lhes ofereça proteção. Nesses casos, às vezes tornam-se vítimas dos próprios patrões que se aproveitam da situação das mulheres.

Nos seus sermões, sem aprofundar essa realidade, o Frei Damião simplesmente condena os homens que bebem cachaça, a prostituição e os casais que vivem ilegalmente sem se casar na igreja. Com isso não queremos dizer que essas coisas sejam certas, mas acima de tudo, os homens precisam de condições para atender aos apelos de Deus. Descobrimos que esses problemas, apontados por Frei Damião como pecados que levam o homem pro in-

ferno, são consequências de situações de injustiça que existem na sociedade.

Se centenas de pessoas participam das missões do Frei Damião, é sinal de que elas têm fé. Porém, nós cristãos comprometidos com o Evangelho, queremos reforçar essa fé do nosso povo, descobrindo a nova visão da fé libertadora. Fé que nos leva a participar na construção de uma sociedade justa e fraterna.

VAMOS CONVERSAR COM OS COMPANHEIROS:

1 — Você já participou das missões de Frei Damião? Quais as suas impressões?

2 — Que respostas Frei Damião aponta para os problemas da fome, da seca, da injustiça e da terra?

3 — Há quem diga que as missões de Frei Damião exploram muito o povo? Você concorda? Por que?

O PROBLEMA AGRÁRIO

1. Alguns dados:

O problema da terra no Brasil é um caso de vergonha nacional, que atinge milhões de trabalhadores rurais de todas as regiões do país. Só pra gente ter uma idéia, existem conflitos pela posse da terra em 556 municípios brasileiros, sendo que 228 destes estão situados nos estados nordestinos. O Maranhão é o estado campeão em municípios com conflitos: 67 municípios. Em segundo lugar está a Bahia com 63 municípios. Vale lembrar que existem muitos municípios brasileiros onde têm mais de um conflito de terra.

Um total de 2 milhões 180 mil famílias brasileiras não têm terra para trabalhar, ou seja, 12 milhões de trabalhadores sem terra. No Nordeste temos 852 mil famílias sem terra.

Os 264 maiores latifúndios brasileiros ocupam uma área de 32 milhões e 500 mil hectares de terra. Segundo dados do próprio INCRA, as multinacionais têm mais de 50 milhões de hectares nas mãos.

Os 46 maiores proprietários na Região Nordeste possuem 4 milhões, 621 mil e 300 hectares, uma média de 100 mil hectares para cada. Só de áreas não exploradas nos latifúndios do Nordeste, são 11 milhões 109 mil hectares. Se fossem desapropriadas apenas essas áreas, daria para assentar as 852 mil famílias sem terra, em propriedades de mais de 13 hectares cada.

Embora a gente esteja preocupado em mostrar a realidade nordestina, o problema fundiário atinge todas as outras regiões do país. São 110 conflitos pela posse da terra na Região Sul, tida como a mais desenvolvida, onde 756 mil e 800 famílias estão sem terra.

FONTE: INCRA, IBGE, ABRA, Diário Oficial da União — Organizados pela ABRA.

2. O que dizem os camponeses:

Na última Assembléia Geral da ACR, aproveitamos para conversar com os trabalhadores rurais sobre a questão agrária brasileira.

"É triste e lamentável a situação agrária do Brasil" — afirma o companheiro Justo Evangelista, de Itapecuru Mirim/MA. "Num encontro da CPT, em São Luiz, vimos que os pequenos produtores produzem 90 por cento das lavouras do país e possuem menos de 80 por cento das terras onde trabalham. A grande parte está nas mãos de quem não produz nada. Os empréstimos são feitos aos poucos que concentram as terras, enquanto que os pequenos produtores não têm condições de fazer empréstimos. No Maranhão a empresa que mais tem nos prejudicado é a ALCOA e projetos como o CARAJÁS e outros que estão por aí escondidos, como o Proálcool. O CARAJÁS vem tomando as terras do Pará ao Maranhão, às margens da ferrovia, uma extensão de terras enorme que será ocupada por japoneses. Eles vão produzir alimentos que não servem pra gente".

Para Manoel Bispo, militante da ACR na Bahia, "a questão agrária no Brasil é muito difícil da gente detalhar. Na realidade, andando em todos os cantos do país vemos as terras concentradas nas mãos de poucos, sobretudo as terras melhores. Todas as áreas de terras mais férteis do país estão nas mãos dos latifundiários. Cada dia que passa vemos os trabalhadores perdendo as terras e o aumento do êxodo rural.

A gente vê hoje no campo um luto. Há regiões rurais no país, onde a gente viaja milhares de quilômetros, com casas fechadas sem habitação. De uma maneira ou de outra essas terras foram tomadas dos trabalhadores. Elas estão ocupadas pelo gado ou se tor-

nam terra improdutiva, concentrada para a valorização. Tem lugar onde não tem gente na terra, não tem plantação, não tem gado, não tem nada, é um deserto.

Por outro lado, a gente vê o boi substituindo o homem, ou a lavoura de exportação, como é o caso do café na Bahia. Várias regiões daquele estado, que eram habitadas por trabalhadores, hoje a gente só vê café. Os trabalhadores sofrem misérias e as maiores humilhações à serviço do café.

A luta dos posses

Dos anos de 1944, até hoje, que nós trabalhadores sofremos com ameaças de expulsão da terra, sendo que nos anos de 57 muitos de nós foram expulsos. De lá pra cá ameaças continuaram com queimas de casas, derrubadas de fruteiras, companheiros ameaçados de morte, mas mesmo assim, ainda hoje, uma boa parte permanece firme na terra.

Todas essas ameaças vieram dos grupos da Usina Catende (de 1944 a 1967), do grupo Nova Olinda ou CIRO (de 1967 a 1979) e do grupo mais forte da MIRANTE, presidido por Fernando Rodrigues (de 1979 até hoje), que se diz proprietário com uma escritura fria, adquirida no dia 31/12/80, no Governo Marco Maciel.

Situação atual:

No dia 18/10/83, fizemos uma assembléia com a participação de 600 pessoas, com o objetivo de enviar um documento reivindicatório (aprova-do pelo povo) ao Ministro Danilo Venturini, diante da não solução para reivindicações encaminhadas anteriormente. Neste documento os posseiros exigiam a desapropriação das terras de Ouro Preto e Frágoso, contando com o apoio do Sindicato

dos Trabalhadores de Olinda e da Prefeitura junto com o vantamento pção existente ali é área rural. No dia 19/10/83, a Câmara Municipal de Olinda, dando que foi como área rural de Ouro Preto, a qual foi unanimidade vembro.

Mesmo com a intenção de melhorar a situação, no dia 20/10/83, conquistaram a terra, causando diáncia, com o Sindicato e 100 por cento do Fórum. 83, em outra dois companheiros ram a terra, at os participante Geral da ACR sua presença dos posseiros. foi bem animada, com a chuva, com a mais de 500 que cantavam, e até alguns par, simbolizar do trabalho do O acontecimento foi a comemoração pelo INCRA, c



RÁRIO NO BRASIL

Tenho um amigo que plantou 30 hectares de café e depois da colheita, fomos levá-lo para ser beneficiado numa fazenda da região. Lá encontrei a realidade do lugar, onde o povo trabalha morrendo, com um salário muito baixo, sofrendo as maiores injustiças. Esta fazenda é muito grande, com todo o equipamento para cuidar do café. Vi o trabalho das mulheres no café, ganham um salário que nem dá para comprar o próprio café para tomar".

José dos Santos, militante da ACR

eiros de Olinda

dores Rurais de
nda, FETAPE e
de Olinda, que
povo fez um le-
arcial da produ-
provando que

10/83, a Prefei-
enviou mensa-
Municipal exis-
sse reconhecida
ural 900 hecta-
Preto e Frago-
i aprovada por
no mês de no-

a esperança de
uação, tivemos
n a Ju... No

três posseiros
a permanência
a ganha em au-
o apoio do Sin-
posseiros na fren-
No dia 16/10/
audiência, mais
eiros conquista-
diência na qual
s da Assembléia
somaram com
o apoio à luta

Esta audiência
ada apesar da
participação de
trabalhadores
traziam faixas
us de macaxeir-
ndo o produto
s posseiros.

mento mais re-
nvocação feita
le uma reunião

no dia 28/11/83 com a pre-
sença do Sindicato, FETAPE,
Prefeitura de Olinda, Fidem e
o representante do que se diz
dono da terra (MIRANTE),
Sr. Arnóbio. Os posseiros exi-
giram do INCRA que estives-
se presente nesta reunião uma
Comissão da Terra, composta
por posseiros da área.

O objetivo da reunião, se-
gundo o INCRA, era de pro-
mover um diálogo entre as
partes envolvidas no conflito
buscando uma melhor solu-
ção para o problema. Ficou
acertado na reunião que iria
se fazer um levantamento mais
preciso, por uma comissão das
partes presentes, para se certi-
ficar se de fato os trabalha-
dores moram e vivem da ter-
ra.

Segundo Major, um dos
posseiros, "a saída que nós
já estamos prevendo é que nem
o INCRA, nem a Fidem, nem
a MIRANTE têm interesse em
deixar os posseiros na terra.
Essa é a Reforma Agrária que
o governo tá fazendo".

"Vemos mais uma vez, que
isso é uma ofensa e humilha-
ção para nós, trabalhadores ru-
rais, que vimos sofrendo todo
tipo de ameaça e violência. Es-
tamos dispostos a não acei-
tar esse levantamento antes
que seja feita a desapropria-
ção, pois é "cozinhar ainda
mais nós trabalhadores numa
panela sem fogo".

e Presidente do Sindicato de Pureza/
RN, concorda com Manoel Bispo di-
zendo que "as terras melhores estão
desaparecendo das mãos dos pequenos
e servindo às multinacionais, aos gran-
des projetos para a implantação de
barragens que não vai melhorar nada
na vida do pobre agricultor.

Afirma que: "A questão agrária no
Brasil se agrava cada vez mais e dizem
que com isso estão fazendo a Reforma
Agrária, enquanto milhares de famílias
ficam jogadas a qualquer preço sem a
terra".

O companheiro Manoel Raimundo,
atualmente envolvido numa luta de
posseiros no município do Cabo/PE,
retoma a conversa sobre Reforma
Agrária e diz o seguinte: "A gente tem
que parar prá pensar, porque há mui-
tos anos que ouvimos falar em Refor-
ma Agrária, sobretudo no movimento
sindical. Os problemas são cada vez
mais complicados e sabemos que a
questão da Reforma Agrária no Brasil
não depende só de uma mudança eco-
nômica, como muitos afirmam, mas
sim de uma mudança política. Prá me-
xer com a questão da terra precisamos
de fazer sérias mudanças nas estru-
turas do país.

Por exemplo, no município do Ca-
bo existem terras que há 20 anos estão
desapropriadas para a implantação de
indústrias e outros fins. Os trabalhado-
res não têm acesso a elas para plantar
lavoura que dê prá abastecer o merca-
do. Se essas terras estivessem nas mãos
dos trabalhadores com condições de
produzir, não precisaria vir alimenta-
ção de fora. Mas por falta de decisões
políticas os trabalhadores são proibi-
do de plantar suas lavouras. A terra fi-
ca desocupada e a alimentação que
vem para abastecer o mercado é sem-
pre de fora.

Por outro lado, temos o sertão com
5 anos de seca, mas na região da cana
sempre chove. Veja bem a diferença:
os trabalhadores rurais no sertão não
têm lavoura porque a terra está seca e
estão trabalhando nas frentes de emer-
gência. Na região da cana os trabalha-
dores não têm lavoura porque as terras
estão nas mãos dos grandes proprietá-
rios, que pegam essa terra todinha pa-
ra plantar cana.

Quando fazem outros projetos para
a região da cana, ao invés de fazer pro-
jetos prá plantar lavoura de subsistên-
cia para a economia do país, vão fazer
projetos para plantar borracha, cacau,
coisas que não são do interesse dos
trabalhadores.

Desse modo, as terras melhores que
poderiam favorecer a agricultura do
país estão sendo utilizadas para cria-
ção de gado, plantação de cana, e em
alguns casos para a industrialização.
Estão concentradas nas mãos de pes-
soas que não precisam da terra. Só que-
rem a terra prá comércio, prá especu-
lação.

Prá mexer na questão da terra é pre-
ciso fazer uma grande mudança na
questão estatutária. Para mim, esse Es-
tatuto da Terra já está caducando.
Não devemos mais pensar que com a
aplicação do Estatuto da Terra aconte-
cerá uma Reforma Agrária no país.

A Reforma Agrária vai ser feita
quando os trabalhadores assumirem
conscientemente essa bandeira e as
consequências políticas que virão. Di-
go isso, porque o título de proprieda-
de privada no Brasil tá ficando cada
vez mais forte. Hoje, quem tem um
pedacinho de terra que não está escri-
turado, não tem acesso aos bancos,
não tem acesso a nada. Quem tem um
pedacinho de terra faz por onde cadas-
trá-lo. E quando se escritura um peda-
ço de terra, por pequeno que seja, nos
dá o direito do título de propriedade
privada, o que às vezes faz o pró-
prio trabalhador se omitir da luta pe-
la terra".

VAMOS REFLETIR JUNTOS:

- 1) Como você e seus companheiros es-
tão lutando pela Reforma Agrária
no seu lugar? Escreva-nos contando
fatos concretos.
- 2) Vocês concordam com o Manoel
Raimundo, quando ele diz que o
Estatuto da Terra está caducando?
Por que?
- 3) O que podemos fazer para reforçar
a Campanha Nacional pela Reforma
Agrária? Envie sugestões.

Comunidade de Angelim

Visitamos o Sítio Humaitá, onde existe um grupo de evangelização, caixa comunitária, um barreiro comunitário e muita conscientização dos grupos na ajuda aos necessitados ou carentes do setor.

Com relação ao Sindicato, a gente tem vontade de conscientizar o povo, mas ele não

está querendo nada. Só pensam que sindicato é para ter assistência médica e dentária.

Existe na nossa comunidade pessoas que passam necessidade e a falta de terra, enquanto outros têm terra e não trabalham.

Tem um proprietário que possui 130 hectares de terra e

tem vontade de possuir uma pequena propriedade de mais ou menos 35 hectares, com nove herdeiros. Quer fazer sua morada quase na extrema da terra, pensando em ser o dono dentro em breve. A emergência é uma exploração, com pagamentos atrasados, enquanto isso o povo passa fome.

ACR SE REÚNE EM JUPI:

Com a presença de evangelizadores de Calçado, Lagedo, São Bento, Jupi e São Caetano (diocese de Caruaru) e uma representante da Pastoral de Juventude de Garanhuns realizamos uma reunião da ACR, no dia 4 de setembro, no Sítio Colônia,

A reunião que foi feita na casa de José Pedro, foi aberta com a oração e uma leitura do Profeta Isaías. Refletimos sobre a situação do povo da antiguidade e vimos que o povo hoje também está sofrendo. Descobrimos que

as coisas não estão tão ruins, porque sempre aparecem pequenos grupos como um fogo aceso iluminando as comunidades. Vimos também que a Igreja era só de reza.

Nos dias de hoje, a Igreja é de reza e de luta. Descobrimos que Deus se faz presente em todas as comunidades, fica na base e a vida vai crescendo através do evangelho.

Vimos que o nosso povo é um povo que faz oração, mas está faltando ligar com a vida. Falamos sobre a emergência. Aqui está con-

tando com quatro grupos de homens e mulheres trabalhando, mas agonia sempre aparece porque o salário é pouco. As exigências são muitas: não é para chegar atrasado, não é para ninguém ficar sentado durante o trabalho, não é para ninguém dizer que está ruim, porque vem logo a cobertura por pessoas que estão ajudando a miséria crescer. Mas o principal, que é um salário justo, pagamento sem atraso e mais coisas dentro do direito, isso não sai.

JOVENS DA USINA FREI CANECA
REALIZAM ENCONTRO:

Realizou-se no dia 9 de outubro o 1º encontro com os jovens da Usina Frei Caneca, em Catende/PE, o qual teve como objetivos: aprofundar os laços de amizade e nossa fé cristã e organizar os jovens da comunidade, dando início a uma caminhada libertadora.

Iniciamos com oração e cânticos, logo após, nos apresentamos uns aos outros, com brincadeiras que dinamizaram nosso encontro.

Após termos falado um pouco da II Caminhada da Juventude, realizada no dia 18 de setembro (que despertou nos jovens o desejo de se organizarem), nos dividimos em grupos, onde procuramos

conversar sobre o comportamento dos jovens na comunidade.

Vimos no plenário, que os jovens estão desligados do compromisso cristão, vivem apenas para o trabalho, não olhando o mundo ao seu redor, não se preocupando com as pessoas mais pobres e carentes de justiça.

Diante de todas as dificuldades, vimos que só Deus poderia julgar nossa situação. Fomos então, oferecer nosso encontro a Ele, procurando também, os caminhos a seguir.

Na liturgia, o seminarista Josemir deixou bem claro a posição de Jesus diante das situações difíceis. Sempre defendeu os mais fracos e oprimidos, lu-

tando para que todos tivessem uma vida digna e humana, não fazendo entretanto, distinções de pessoas e classes sociais. Jesus se fez pobre com os pobres, ficando do lado de todos os marginalizados pela sociedade.

Depois do almoço, fizemos uma reflexão e confrontamos o que Jesus fazia com o que estávamos fazendo. Daí os jovens presentes sentiram a necessidade de se organizarem, procurando construir também, o Reino de Deus, tendo como exemplo o Cristo Libertador. Ficou definido pelos jovens que faremos uma jornada interna, para organizar e estruturar o grupo, bem como, definir os nossos objetivos.

VISITA A PARÓQUIA
DE CANHOTINHO:

No dia 7 de outubro visitamos o distrito de Olho D'água de Dentro. Nosso objetivo foi ver como está o movimento de evangelização na região.

Iniciando-se os trabalhos vimos que o movimento não está andando muito bem, sobretudo faltam condições financeiras para que os evangelizadores se desloquem para os encontros. Falta um acompanhamento do

próprio padre. As pessoas não acompanham ou não querem aceitar, acham melhor as bodegas, a sinuca e a televisão.

Discutimos como fazer para ter um melhor apoio do padre, do povo e um acompanhamento. No local onde os evangelizadores moram não são bem aceitos. As reuniões são com poucas pessoas. Quando se deslocam para outros lugares é com muita gente.

XVIII Assembléia
Geral da ACR

Com o tema "O Sindicalismo no Meio Rural Brasileiro" e com a participação de 117 trabalhadores rurais de todo o Nordeste, do Pará e de Goiás, a ACR realizou a sua 18ª Assembléia Geral, de 23 a 28 de outubro em Olin-da/PE.

Entre os trabalhadores, 30 eram dirigentes sindicais e mais de 50 delegados de base. A CPT Nacional participou representada pela companheira Pompéia.

A Assembléia Geral da ACR é o órgão de maior decisão do Movimento. É esta assembléia quem elege a equipe que coordena o Movimento em geral. Atualmente, com um mandato de três anos, de acordo com o novo estatuto votado e aprovado pela Assembléia. Foi eleito também, o Assistente Geral que integra esta equipe.

Conheçam a Equipe responsável pela ACR:

David Silva Nascimento (MA), João Batista do Nascimento (PI), Antônio Jorge Lima (PA), Nicanor Souza Lima (BA), José da Cruz (BA), Edvaldo José dos Santos (SE), José Jovino de Oliveira (AL), Maria José (Zeza) (PE), Manoel José dos Santos (PE), Djalma Ramos de Oliveira (PB), Raimundo Bento Xavier (RN) e Arnaldo Liberto da Silva (AL), como Assistente Geral.

O Pe. José Servat, uma das pessoas que mais tem colaborado com a ACR, esteve ausente nesta Assembléia. Está de férias no Canadá. Ele, como assistente do Movimento, nos escreveu dizendo assim: "Abraço você, irmão, com toda a minha força e digo que estou muito feliz pelo desenvolvimento da Assembléia. Você aceitou com todo conhecimento e liberdade uma tarefa de muita responsabilidade. Vai continuar uma caminhada começada e desenvolvida por muitas pessoas. A ACR é uma realidade, uma organização que tem a missão própria: unir na mesma missão os dinamismos e dirigir no povo camponês, a consciência profunda das forças da Ressurreição de Jesus Cristo.

A equipe de assistentes tem a missão própria de ajudar nessa fidelidade. Você é bastante sensível para pensar que para mim, essa decisão que desejava, que era necessária e que aceito com toda a minha força de homem responsável e consciente das necessidades do Brasil, provoca em mim emoções que não se resolvem com argumentos teológicos, nem mesmo psicológicos. Estou com você, com (AL), Maria José (Zeza) (PE), vocês todos como antes".

O relatório completo da Assembléia Geral está sendo preparado e dentro em breve será enviado aos participantes e a outras pessoas que se interessarem.

Notícias Breves

Aniversários: Célia Matias Duarte, no dia 27/11/83; Joelma Matias Duarte, no dia 21/12/83; Francisco Canindé Bernardo, no dia 01/12/83; Francisca Duarte de Sena, no dia 10/01/84 e José Faustino de Sena, no dia 01/11/83, todos fazem parte da ACR da Comunidade de São José do Seridó/RN, que tem como animadores Vicente Oliveira da Silva e Francisco Canindé Bernardo, que estão organizando a Delegacia Sindical, ligada ao S.T.R. de Pedra Preta/RN.

Encontros Previstos:

— Encontro de Jovens Rurais de Pimenteiras/PI, de 06 a 08 de janeiro.

— Encontro de Jovens Rurais em Jacaré da Vermelha, Esperantina/PI, de 12 a 14 de janeiro.

— Encontro de Lavradores da diocese de Coroa/MA, de 19 a 22 de janeiro.

— Encontro Regional Nordeste IV da ACR, em Bacabal/MA, de 02 a 05 de fevereiro.

Campanha Famílias dos Posseiros Presos:

Depois da injusta e vergonhosa confirmação da sentença do último julgamento dos 13 posseiros e dos padres de São Geraldo do Araguaia/PA, o desânimo que se abateu sobre as famílias dos posseiros foi muito grande. Diante disso, a diocese de Conceição do Araguaia iniciou uma campanha conclamando às comunidades de base, pessoas, paróquias, dioceses, institutos religiosos e instituições, para que avaliem suas

possibilidades e enviem UMA QUANTIA MENSAL de dinheiro, para a conta "DIOCESE DE CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA - SÃO GERALDO, número 3.787-7, Bradesco, agência número 0654, Xambioá/GO, que será distribuída às famílias, levando em conta as necessidades de cada uma em particular.

Pedimos que logo no que for assumida a solidariedade, seja feita a comunicação por escrito no seguinte endereço: CASA PAROQUIAL, São Geraldo do Araguaia/PA - CEP 68.558, para que possamos manter contato e também confirmar o recebimento do dinheiro.

Solidariedade:

Aos posseiros do Centro dos Mulatos, município de São Sebastião do Tocantins/GO na luta pela extinção do GETAT que vem realizando uma grave, enganadora e irresponsável, atuação na região do Bico do Papagaio, Extremo Norte de Goiás. Nos juntamos e apoiamos a luta dos posseiros que são os verdadeiros donos da terra e nela trabalham a dezenas de anos.

Endereços:

— Secretariado Regional Nordeste IV da ACR: Caixa Postal 03 - CEP 65.700 - BACABAL/MA - Tel. (098) 621-1486.

— Manoel Bispo da Silva (permanente da ACR): Avenida Centenário. 204 - Bairro Nazaré - CEP 44.700 - JACOBINA/BA.

— Pe. José Servat: 1650, Rua Viel, Montréal, Québec - H3M 1G5.

COMO UM POVO FAMINTO PODE SER IGREJA?

Foi esta a grande questão da Assembléia Geral de Avaliação e Planejamento da diocese de Juazeiro/BA realizada em Carnaúba, de 18 a 20 de novembro últimos.

As comunidades, os grupos de jovens, grupos de ruas ajudaram a preparar a Assembléia. Fizeram reuniões, discutiram, enviaram as respostas e escolheram seus representantes.

É possível ser e viver como Igreja, mesmo num tempo de seca e fome? A experiência diz que "Quando é partido, o pão mata a fome. Quando se esconde o pão, a fome cresce".

Para aprofundar esta questão, a Assembléia dividiu o assunto Fome de Pão em quatro momentos: Política e Seca; Sindicato e Seca; Projetos e Seca e a Pesca. Além disso, discutiu-se a Fome de Saúde e a Fome de Saber, sentidas pelo povo.

Vamos ver agora o que a Assembléia decidiu:

— a diocese de Juazeiro vai continuar sua pastoral libertadora para que exista mais comunhão e participação de todos; continuam suas opções pelos pobres e pelos jovens; continuará reforçando as Comunidades Eclesiais de Base; assumiu como prioridade a Pastoral da Terra, a Pastoral Urbana e a Pastoral dos Pescadores; suas principais armas serão a Educação Política, Educação Sindical, Educação para Saúde e a formação de Agentes de Pastoral.

NORTE DE GOIÁS RESSURGEM OS CONFLITOS

Após um período de calma, graças as eleições de 15 de novembro, o Norte de Goiás voltou a apresentar novos casos de conflito.

Segundo o missionário Francisco Glory "os posseiros do Norte de Goiás tiveram um tempo calmo porque os grileiros estão nos partidos de oposição e do governo e, durante a campanha os políticos tiveram que pedir votos. Por isso, não mandaram seus jagunços perseguir os posseiros. As eleições passaram e os conflitos voltaram".

Na Fazenda São João 30 famílias de posseiros estão ameaçadas de expulsão por um grupo de pistoleiros. O processo de desapropriação dessa fazenda há dois anos que está no INCRA. Os pistoleiros derrubaram a cerca das roças feita pelos posseiros.

O padre Glory além de ameaçado de morte pelos pistoleiros, foi intimado a depor na Delegacia Policial de Natividade e informado pelo próprio delegado de que está sendo acusado de incitamento de posseiros.

CPT DENUNCIA VIOLÊNCIA NA BAHIA

A CPT Regional Nordeste III apoiada por várias entidades e partidos de oposição da Bahia, denunciam as violências ocorridas nos municípios de Una e Canavieiras. Centenas de famílias de posseiros continuam recebendo agressões de conhecidos grileiros da região.

Neste ano foram assassinados 5 posseiros, sendo 3 de Una e 2 de Canavieiras. Várias vezes foram queimadas as roças e espancados lavradores e seus familiares. No último 7 de setembro, numa reunião de grileiros, foi decretada a morte do posseiro Onilton Oliveira e de Carlos Alberto Evangelista, membro da CPT de Itabuna. Outro membro da mesma Comissão, Emerentina Costa e Silva, vem sendo ameaçada e acusações descabidas são feitas contra o trabalho da Igreja.

Nós da ACR, nos solidarizamos com os companheiros e exigimos: garantia de vida para os posseiros e agentes pastorais, apuração e punição dos assassinos e a permanência dos posseiros na terra.

AMEAÇADA DE DEMISSÃO POR SER MÃE DE VEREADORA DO PT

A professora Francisca Alencar Correia trabalha a 14 anos com carteira assinada, recebendo 15 mil cruzeiros mensais, em Cabeceira, no Piauí. Agora o Prefeito Lages Filho, além de não lhe pagar o salário a quatro meses, está pelegando para lhe tirar do emprego. O motivo, afirma Francisca: "só porque sou mãe de uma vereadora do PT. Mas eu vou aguentar firme. Não desisto e sou PT até a morte".

Violência contra posseiros

Uma das mais antigas e históricas áreas rurais de Olinda/PE, o Outeiro do Caenga, viveu no último dia 5 de dezembro novas cenas de violência com a derrubada de árvores frutíferas dos sítios do Sr. Hilton de Santana e dona Maria do Carmo Nascimento. Eles ocupam o lugar há mais de 30 anos, e sofreram grandes prejuízos.

O Sr. Fernando Valença, que se diz proprietário da área, com cinco homens armados desmataram uma extensão de 300 metros, causando revolta aos que viram suas plantações sendo danificadas. Várias mangueiras, coqueiros, jaqueiras, pés de café e graviola foram derrubados.

As 85 famílias que ocupam o local há mais de 30 anos vêm sofrendo constantes ameaças de expulsão. O Sindicato de Olinda e Paulista, juntamente com a Prefeitura de Olinda dão todo apoio à luta dos posseiros, que agora vão exigir indenização na Justiça e lutam pela permanência na terra.

RENOVE SUA ASSINATURA ANUAL DO GRITO NO NORDESTE

Trabalhador Rural	500,00
Outras Pessoas	1.000,00
Um só Número	75,00
Sendo 10 ou mais (cada um)	70,00
ASSINATURA DE APOIO	5.000,00

Pagamento através de Vale Postal ou Ordem de Pagamento bancária em nome da A.C.R. — Animação dos Cristãos no Meio Rural.

O SINDICALISMO E A REFORMA AGRÁRIA

Já antes do surgimento dos seus sindicatos, os trabalhadores rurais lutavam pela Reforma Agrária. Na medida em que o Movimento Sindical Rural foi se estruturando, essa luta tomou mais força.

Apesar das divergências existentes no Movimento Sindical o Congresso de São Bernardo como o Congresso da Praia Grande assumiram com muito entusiasmo a luta pela Reforma Agrária. Isso aconteceu também, porque uma grande parte dos congressistas era constituída de trabalhadores rurais, vindos de todos os cantos do Brasil.

Vamos reler as principais resoluções dos dois Congressos sobre Reforma Agrária:

Política Agrária e Agrícola:

1. Exigimos do governo a imediata decisão política de reforma agrária ampla, massiva e com participação e controle dos trabalhadores rurais, a começar da ampliação do Estatuto da Terra, visando promover a melhor distribuição da terra e modificações estruturais no regime de sua posse, uso e propriedade, afim de atender aos princípios da justiça social e aumento da produtividade;

2. Que seja reorientada a política agrícola com vistas a atender prioritariamente os interesses dos pequenos produtores e o abastecimento do mercado interno, assegurando o crédito, preço justo, assistência técnica, insumos, escoamento, armazenamento e apoiando a organização econômica dos pequenos produtores;

3. Criação de infra-estrutura e mecanismos adequados para transportes e distribuição dos produtos agrícolas, com eliminação dos especuladores, de modo a garantir preços mais baixos para o consumidor e remuneração mais justa para os pequenos e médios produtores;



4. Extensão aos trabalhadores do campo, de todos os benefícios previdenciários do trabalhador urbano, conforme ante-projeto de Lei apresentado pelo movimento sindical dos trabalhadores rurais, inclusive, com a contagem recíproca do tempo de serviço urbano e rural;

5. Isenção de impostos e fim da repressão ao comércio ambulante do pequeno produtor agrícola;

6. Total apoio deste Conclat ao documento produzido pelo Terceiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais em 1979, que passa a ser incorporado integralmente às decisões deste Congresso.

Aprovado em sessão plenária do Conclat/83, realizada no dia 5 de novembro de 1983, em Praia Grande.

FONTE: VOZ DA UNIDADE, DE 10/11/83.

Luta pela Reforma Agrária:

1. Reforma Agrária radical, ampla, massiva, imediata e sob o controle dos trabalhadores rurais, a partir da demarcação do uso coletivo da terra;

2. Ocupação imediata das terras dos grileiros, das terras do Estado, dos latifúndios improdutivos ou não, e coletivização das grandes empresas capitalistas nacionais e internacionais;

3. Extinção imediata do GETAT, GEBAM e do Ministério Especial para Assuntos Fundiários, INCRA, IBDF e de órgãos similares existentes nos Estados;

4. Extinção do Projeto de Desenvolvimento do Cerrado — JICA — na verdade, projeto de cessão de terras férteis do Cerrado a grupos estrangeiros, e proibição de implantação de projetos similares, inclusive os de barragens e de usinas hidrelétricas cujas construções não atendem aos interesses da população da região e do país. Que os projetos já em andamento sejam revisados sob a ótica dos interesses dos trabalhadores;

5. Utilização dos projetos especiais à agropecuária em benefício dos próprios trabalhadores rurais da região e sob sua gestão;

6. Fim das perseguições e apuração imediata dos assassinatos de trabalhadores rurais e representantes do movimento sindical, e punição dos responsáveis. Indenização às famílias dos assassinados;

7. Garantia da posse da terra para quem nela trabalha; contra as violências e arbitrariedades do governo, dos patrões, dos grileiros e dos jagunços;

8. Que o governo garanta a todos os trabalhadores rurais, sem exceção, acesso ao financiamento a juros baixos e subsidiados, mesmo que suas terras não estejam totalmente legalizadas (porém comprovado que estejam cultivadas), técnicas, insumos e condições de transporte, armazenamento e preços justos garantidos para a produção. Que essas garantias sejam controladas e dirigidas pelos próprios trabalhadores;

9. Pela comercialização dos produtos agropecuários diretamente entre os produtores e os consumidores, através de cooperativas de produção e consumo sob domínio e controle dos trabalhadores;

10. Política agrícola de valorização da pequena produção com garantia de preço justo ao pequeno produtor;

11. Extinção do Pró-Agro e substituição por um seguro sob perdas ou prejuízos na produção com garantia e real pagamento pelo governo federal;

12. Contra a intervenção da polícia nos problemas agrários;

13. Que as terras desapropriadas e destinadas à Reforma Agrária sejam distribuídas aos trabalhadores, sem direito à venda;

14. Reconhecimento, por parte do governo, das demarcações de terras coletivas, feitas pelos trabalhadores, através de documento oficial.

Aprovado em sessão plenária do Conclat/83, realizada no dia 28 de agosto de 1983, em São Bernardo do Campo/SP.

FONTE: JORNAL ESPECIAL DA CUT.

PARA CONVERSAR EM GRUPO

- 1) No texto acima, tem frases ou palavras que não entendemos? Quem vai poder nos ajudar a entender melhor?
- 2) Estamos notando diferenças entre as conclusões de São Bernardo e aquelas de Praia Grande? Quais são?
- 3) O que nos impressionou mais nestes textos? Por que?